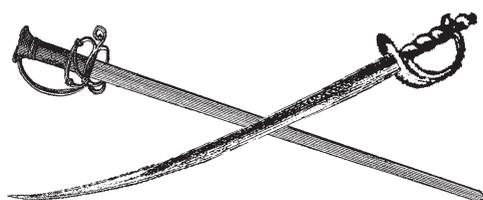


UNIFORMES
LUSO-BRASILEIROS
NAS GUERRAS DO SUL
CONTRA OS ESPANHÓIS
1750-1790

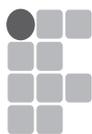


A RECUPERAÇÃO
DE UM DOCUMENTO DO SÉCULO XVIII
DA COLEÇÃO DO
ARQUIVO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

Restauração digital, texto e ilustrações adicionais
DENNIS HANSON

Revisão de texto
MARIA BASTOS E CAMILO OLIVEIRA PRADO

Coordenação editorial IFSULDEMINAS
CAMILO OLIVEIRA PRADO



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SUL DE MINAS GERAIS

Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Pouso Alegre, Minas Gerais
2012

UM POUCO DE HISTÓRIA

Reinos rivais desde que Afonso Henriques, herdeiro do condado de Portucale, conquistou a sua independência do reino de Leão e Castela, após a vitória na batalha de Ourique em 1139, Portugal e Espanha se lançavam, no final do século XV, numa corrida rumo às riquezas do Oriente, o que acabou levando à descoberta do chamado Novo Mundo.

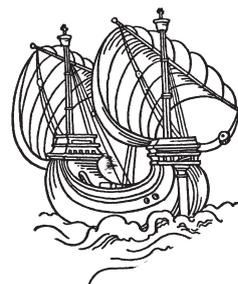
O tratado de Tordesilhas surgiu para dividir todas as terras recém descobertas e ainda por descobrir entre Portugal e Espanha, usando para isso o meridiano que passava a oeste do arquipélago de Cabo Verde. O problema era que não só a localização das ilhas não era precisa, como também nunca se chegou a uma conclusão exata de qual das ilhas deveria balizar o tal meridiano, daí as dúvidas e variadas interpretações dadas a sua posição.

Ciumentos das próprias descobertas e rivais entre si, os reis de Portugal e Espanha não cessavam de forçar a linha do meridiano a fim de conseguir com o seu deslocamento maiores nacos de território.

Nas terras recém descobertas, os primeiros colonos eram estimulados a avançar sempre mais, os espanhóis para leste e os portugueses para oeste, a fim de conseguir com suas botas as terras que os diplomatas tentavam obter com os tratados.

Na América do Sul, pelo meridiano, as terras que cabiam a Portugal estendiam-se da ponta norte do que hoje é o Pará até a atual Laguna, no estado de Santa Catarina, englobando ainda a ilha de Santa Catarina.

Exploradores e aventureiros vários ignoravam os tratados entre as metrópoles e se embrenham nas matas, deformando a linha demarcatória em busca de índios para escravos e mais tarde de metais e pedras preciosas.



Foram os espanhóis, a partir do Peru, os primeiros a chegar ao rio da Prata.

Para explorar suas terras americanas, os soberanos portugueses criaram as Capitânias Hereditárias e os espanhóis, os *Adelantados*.

Diferentemente dos donatários portugueses, apoiados ainda que mal pela coroa, cabia aos *Adelantados* promover por sua conta e risco a conquista de novas terras.

O primeiro *Adelantado* foi Pedro de Mendoza e sua jurisdição ficava na faixa do estreito de Magalhães, fazendo fronteira com os domínios portugueses.

Chegando em 1535, fundou uma povoação que chamou de Porto de Santa Maria de Buenos Aires. Depois de muitos combates com os índios que habitavam a região, Pedro de Mendoza decidiu deixar no vilarejo um pequeno destacamento e prosseguir viagem na exploração do rio. Após fundar outro vilarejo, Boa Esperança, o *Adelantado* designou dois de seus seguidores para prosseguir na exploração do rio e na busca da comunicação com o Peru. João de Ayolas e Martinez de

A ORGANIZAÇÃO MILITAR



século XVIII viu a introdução de uma série de melhoramentos nas táticas e materiais empregados pelos exércitos.

É bem verdade que boa parte desses melhoramentos já vinha sendo implementada desde a metade final do século anterior, com as novidades criadas pelo rei Gustavo Adolfo da Suécia (1594-1632), e copiadas por quase todos os exércitos da Europa.

Na parte tática, as maiores modificações aconteceram no fator mobilidade. Gustavo Adolfo entendia a importância de avançar sempre, não descuidando jamais de estar preparado para oferecer batalha onde quer que a necessidade surgisse. Os sucessores naturais dessa filosofia serão o rei da Prússia, Frederico II (1712-1786), no final do século XVIII, e Napoleão, da França (1769-1821) no século XIX, ambos, porém, com nenhuma influência no período de nosso estudo.

A maior contribuição de Gustavo Adolfo, no entanto, foi quanto à mobilidade da artilharia. Pela primeira vez a artilharia deixava de ser um instrumento para o sítio de fortalezas e cidades, passando a ter efeito direto nas batalhas. O uso de canhões mais leves, que pudessem ser tracionados por parelhas de cavalos, trouxe a artilharia para o centro das batalhas. Convém lembrar aqui que um canhão mais leve ainda pesava duas ou mais toneladas!

Mais uma vez, Frederico II e Napoleão serão os discípulos diretos dessa tática, o primeiro criando o que viria a ser conhecido no mundo inteiro como artilharia a cavalo, isto é, uma artilharia onde não só as peças são tracionadas a cavalo, mas também os artilheiros são montados, aumentando drasticamente a sua mobilidade. Coube a Napoleão, artilheiro

por formação, compreender com maestria o uso da artilharia em batalha, trazendo-a para a frente, para abrir o combate, atordoando o inimigo com o bombardeio para depois destruí-lo com a cavalaria e a infantaria.

Os canhões eram classificados por calibre, a medida do diâmetro da bala utilizada ou, mais comumente, pelo peso em libras das balas. As peças de campanha variavam de 3 a 16 libras (7,25kg) e as de fortaleza ou de sítio podiam chegar a 48 libras (21.7kg).

Os reparos, ou carroções, que carregavam os canhões propriamente, eram de madeira sólida, reforçada de ferro, pois o recuo da peça depois de um tiro podia destruir um reparo mais frágil ou mal construído. Os reparos costumavam ser pintados para proteger a madeira das intempéries. Sabemos que os austríacos pintavam seus reparos de amarelo-ocre, os ingleses de cinza-azulado, os franceses de Luís XV de vermelho e os de Luís XVI, da Revolução e os artilheiros de Napoleão, de verde-oliva escuro. Um único documento existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro mostra um artilheiro português de cerca de 1750 com um canhão vermelho com ferragens negras. Não podemos afirmar se era esta a regra geral. Sabemos, no entanto, que era comum dar uma ou mais demãos de pixe para impermeabilizar a madeira, deixando-a negra. As partes de ferro eram quase sempre pintadas de preto para impedir a corrosão.

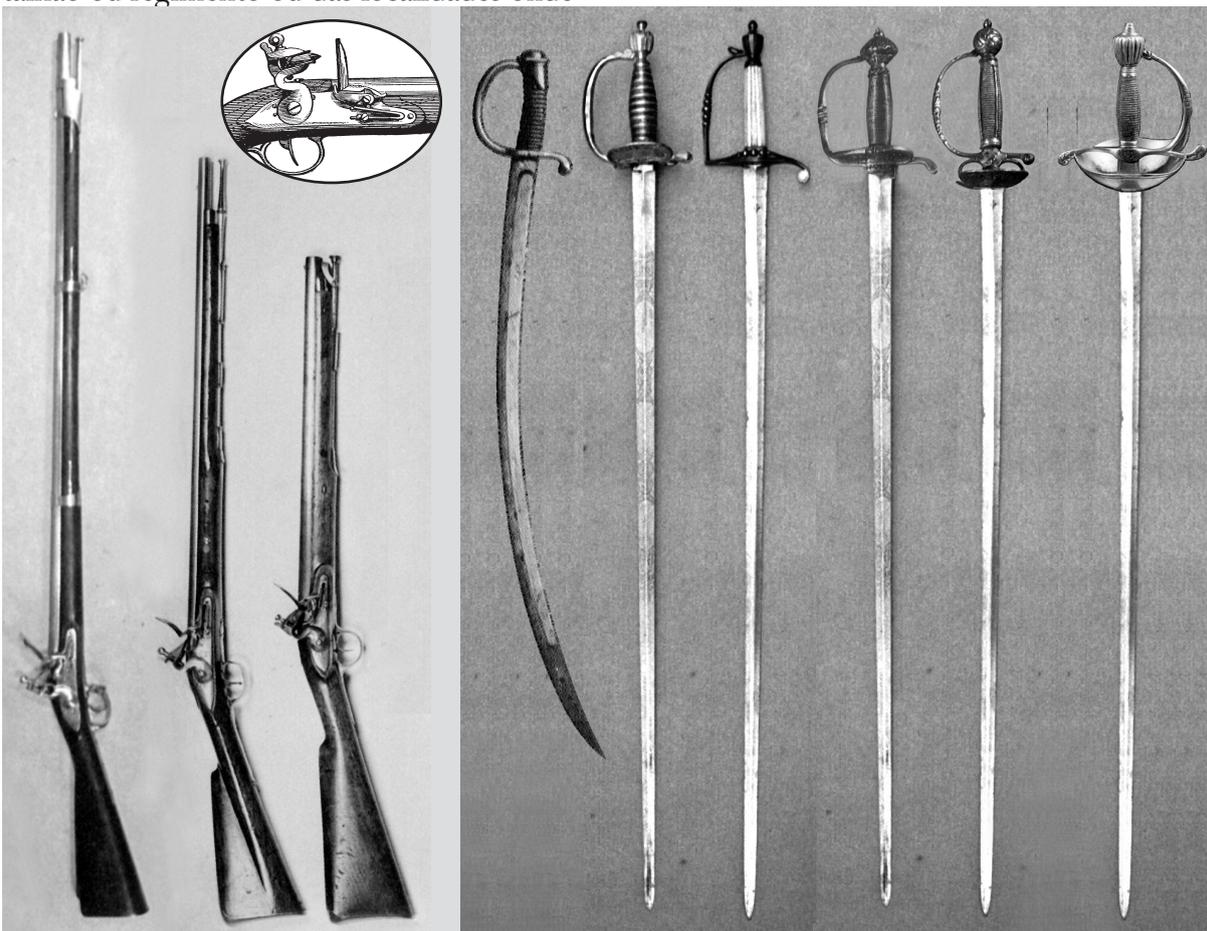
A munição utilizada era a bala esférica de ferro fundido sólido ou a granada, uma bala oca, recheada de balas menores, com um pavio que a fazia explodir em meio ao inimigo, antes de atingir o chão. O alcance era de cerca de 300 metros para os calibres pequenos e cerca de 900 para as peças maiores, sendo cerca de 600 metros uma medida tida

ARMAMENTO

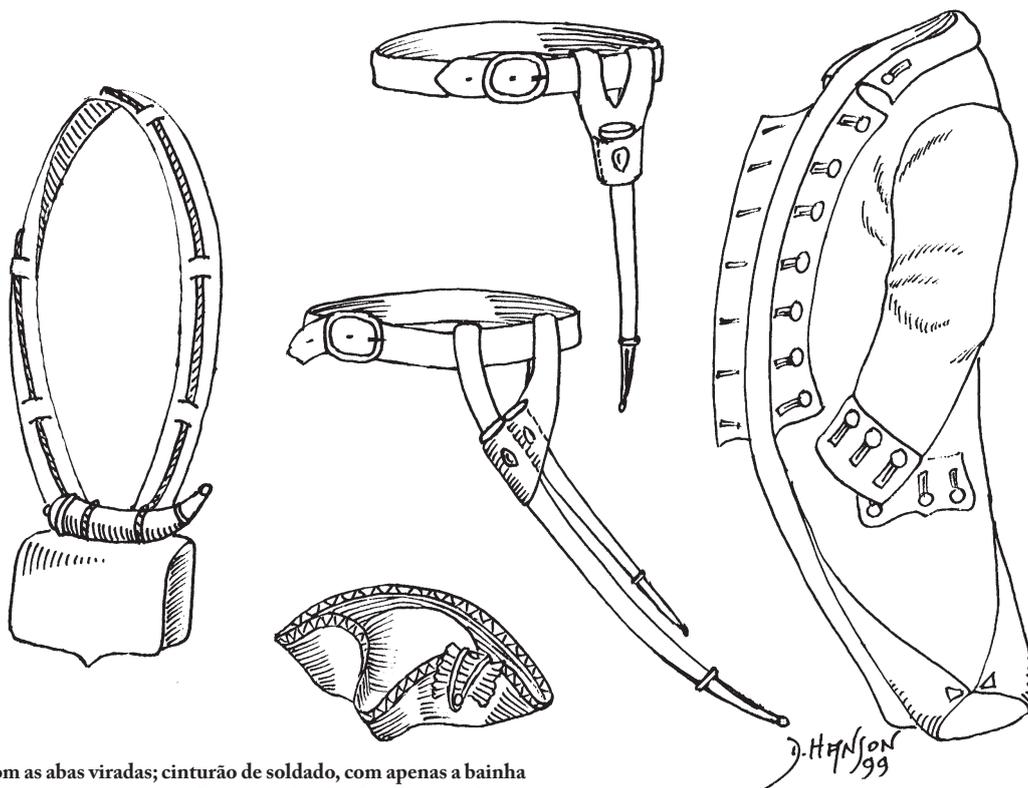


Quanto às armas, embora se procurasse seguir um padrão, a indústria era ainda muito rudimentar para conseguir consistência absoluta. É comum encontrarmos, em antiquários e coleções de museus e particulares, exemplares de espadas e fuzis com a mesma marca de origem e com tamanhos e desenhos com alguma variação. Como não havia patentes, adquiriam-se armamentos seguindo o mesmo padrão geral em vários fornecedores diferentes, acarretando ainda mais diferenças. Isso sem contar com consertos e adaptações feitos localmente, por artífices do próprio batalhão ou regimento ou das localidades onde

as tropas estacionavam. O próprio desenvolvimento tecnológico impunha suas modificações, adaptando, por economia, armas antigas a sistemas mais modernos. Isso pôde ser observado durante a guerra do Paraguai, quando o Brasil capturou canhões do século XVII raiados segundo a tecnologia mais moderna em voga nos arsenais europeus. O arsenal do Rio de Janeiro era famoso pelas transformações feitas em velhos mosquetões de pederneira do século XVIII, adaptados para o novíssimo sistema de fulminante. Lâminas de espadas eram importadas da Europa e as empunhaduras colocadas aqui. A despeito das restrições por parte da metrópole, havia fabricantes de pistolas e armas de caça nos principais centros de Minas, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e mais tarde no Rio Grande do Sul.



Fuzis de pederneira de infantaria e carabina de cavalaria. Terço de oficial inferior, espadas de infantaria e espada de cavalaria. Os modelos não são tipicamente portugueses ou espanhóis, mas apenas representativos do que se produzia na Europa e nas Américas no século XVIII. No detalhe, desenho do mecanismo de uma arma de pederneira. Coleção particular, Rio de Janeiro; Desenho do autor.



Casaca com as abas viradas; cinturão de soldado, com apenas a bainha para a baioneta; cinturão para soldado ou oficial inferior, com as bainhas conjuntas para terçado e baioneta; chapéu tricórnio com laço e cinturão da patrona com o polvorinho preso ao talabarte.

Com toda essa dificuldade, o feito fundamental da vestimenta militar é uma adaptação do traje civil da maior parte da Europa: o casaco amplo de lã, com ou sem gola, com forro em lã mais fina e punhos grandes e virados para mostrar o forro, geralmente em cor contrastante. Para proteger as costuras do casaco com o forro, era comum que o soldado virasse as bordas das abas e as prendesse atrás, facilitando também o movimento das pernas nas marchas e cargas, o forro costumava ser virado também na frente, no peito. No frio, o casaco podia ser abotoado virando e atravessando-se o forro. O colete ou véstia, de tecido melhor ou seda para os oficiais e de lã, como o casaco, para os soldados, em cor contrastante ou não, vestido sobre uma camisa de linho, guarnecida com uma gravata de couro, o pescocinho, peça fundamental para preservar o ar marcial da tropa. Por cima do pescocinho podia haver ou não, segundo os ditames da moda, uma outra gravata de linho ou renda. Calções curtos, abotoados do

lado, para facilitar a entrada e saída dos pés e fixarem-se pouco abaixo do joelho. Meias de lã ou de seda, tudo isso por cima de ceroulas de lã. Para proteger meias e sapatos do pó das estradas e impedir que os sapatos ficassem presos na lama, usavam-se polainas de pano, abotoadas do lado e com um estribo que passava por baixo do pé, logo à frente do salto. Os sapatos eram fortes e resistentes às marchas. Os exércitos eram auto-transportados, isto é, marchavam milhares de quilômetros para encontrar o inimigo. Sapateiros eram requisitos fundamentais em qualquer exército.

Para proteger a cabeça, um chapéu de copa pequena e redonda, com as abas levantadas e dobradas em três faces, formando três bicos. Era de feltro para as tropas e de pêlo de castor, lontra ou de pêlos de seda para os oficiais. Reforçando as bordas das abas, era comum que houvesse um galão largo de seda ou lã em toda a volta. Identificando a uni-

RELAÇÃO DOS GÊNEROS



As páginas seguintes listam os gêneros necessários para a confecção dos uniformes de cada uma das tropas relacionadas neste documento, descendo ao número exato dos botões. A grafia de época foi mantida para preservar o sabor do original e um pequeno glossário pode ser encontrado ao final da seção, para facilitar a compreensão do leitor moderno.

A lista é valiosa não apenas como curiosidade. Ela também é útil para estabelecer que tipos de materiais eram utilizados e serviu para auxiliar na reconstrução dos uniformes listados, cujos desenhos foram perdidos.

Até o efetivo das tropas pode ser calculado, bastando apenas fazer uso de aritmética simples. Não que esse número fosse absolutamente exato, sendo comuns os soldados e até regimentos inteiros fantasmas, para que os espertalhões de sempre pudessem lucrar.

Não se deve, no entanto, inferir que essa doença fosse exclusivamente brasileira ou mesmo latino-americana. Cerca de 40 anos após a data deste documento, durante as guerras napoleônicas, o duque de York, irmão do rei da Inglaterra, foi processado por desviar gêneros muito necessitados para o prosseguimento da guerra e por criar vários regimentos fantasmas para lucrar com seus cúmplices.



Relação dos generos precisos para se fardar com o fardamento completo de dous annos o Primeiro Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro, de que he coronel José Carlos da Costa

7.031	1/6	C ^{vs} de pano azul ferrete, para cazacas, vestes, calçoens, de oficiais e inferiores, soldados, canhoens, golas e divizas dos tambores	} a 5 1/2 C ^{vs}
308	1/3	C ^{vs} de pano branco, para cazacas, vestes, calçoens dos tambores e divizas dos soldados	
3.474	...	C ^{vs} de Serafina branca para forros das cazacas dos soldados e inferiores	} a 4 1/2 C ^{vs}
76	1/2	C ^{vs} de Serafina azul p/ forros das cazacas dos tambores	
21	libras	1 onça, e 6/8 ^{as} de linhas azues	} a 3 1/2 8 ^{vas}
7	onças,	3 1/2 8 ^{as} de linhas brancas	
2.761	1/2...	Vas de linhagem, para forros das vestias, calçoens a 3 1/2 V ^{as} pa cada praça	
2.367	...	duzias de botoens de metal branco de cazaca, a 3 duzias cada praça	
1.578	...	ditos de vestia, a duas duzias, para cada praça	
2.367	...	Vas de pano de linho, para calçoens, a 3 V ^{as} para cada praça e 2 calçoens para cada qual	
1.578	...	Pentes, dous para cada praça	
1.578	...	Chapeos preparados com galão branco, cordas e presilhas, dous pa cada praça	
3.156	...	Camizas de pano de linho	} a 4 para cada praça
3.156	...	Pescocinhos	

Regimento de Infantaria da Ilha de Santa Catarina



Soldado



Oficial



Tambor

Cias de Infant. Auxiliar do Rio Grande de S. Pedro



Soldado



Oficial



Tambor